

NUNO JÚDICE

Dois poemas inéditos

TERAPIA

O Ingmar Bergman gostava de bolachas maria, e tinha sempre com ele um pacote para ir comendo quando o estômago lhe doía. Em vão a Morte, para o distrair, lhe punha à frente o tabuleiro de xadrez; de nada servia a jovem mónica despir os seios para que o desejo saísse de dentro da blusa; e foi inútil terem queimado a bruxa, à frente dos artistas ambulantes, como se alguém pensasse que ela rejeitaria o amor pelo Bode dos infernos. Sempre, o Bergman tirava as bolachas do bolso e comia, uma após outra, para que a Morte não lhe desse o xeque-mate, a mónica não voltasse a cobrir os seios e a bruxa não se benzesse em frente do Bode. Não sei porquê, também eu gosto de bolachas maria, e quando as como não penso na Morte, ainda menos na jovem de seios despidos, e nem pensar que olho para a fogueira onde a bruxa arde sem um grito. A única coisa que me faz doer o estômago, como ao Bergman, é não saber, quando as tenho na boca, porque é que as bolachas se chamam maria.

AS CABEÇAS DA ILHA DA PÁSCOA

O que eu tinha de ver era o local exacto onde o atlântico e o pacífico se encontram, e quando estivesse na ponta do cabo horn, em cima do penhasco, com uns binóculos embaciados pelo gelo húmido da madrugada, veria a jangada onde uma virgem negra e um urso branco se amam, debaixo do céu tinto de um inverno prolongado. Aí, com um papel na mão, tentaria descrever o momento em que a jangada atravessasse o cabo no sentido do pacífico, rumando à ilha de páscoa onde a virgem chegaria grávida do urso para dar à luz cada uma das estátuas que, mais tarde, Darwin encontrou enquanto estudava as carapaças das tartarugas. A minha dúvida, porém, é se não me terei enganado ao olhar pelos binóculos e se, em vez de olhar para o ponto em que os oceanos se encontram, não terei olhado para a base das falésias do cabo horn onde a jangada embateu, lançando ao mar gélido a virgem negra e o urso branco. Escusado será dizer que o urso se salvou e a virgem não, o que invalida a teoria de Darwin de que a evolução se deu a partir da ilha da páscoa, onde a virgem grávida nunca poderia ter dado à luz as estátuas porque morreu afogada.

NOTA BIOGRÁFICA

O escritor Nuno Júdice tem desenvolvido uma intensa atividade como poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta e tradutor. Professor Jubilado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – onde se doutorou em 1989 com a tese sobre Literatura Medieval – encetou a sua atividade poética em 1972 com a publicação de *A Noção de Poema*. Desde então tornou-se num dos mais importantes nomes da poesia portuguesa contemporânea. Deu à estampa cerca de 40 livros de poesia, alguns dos quais

agraciados com reputados prémios nacionais e internacionais, nomeadamente, entre outros, *O Mecanismo Romântico da Fragmentação* (1975, Prémio de Poesia Pablo Neruda), *Lira de Líquen* (1985, Prémio de Poesia do Pen Clube), *As Regras da Perspectiva* (1990, Prémio D. Dinis), *Uma Sequência de Outubro* (1991, Comissariado para a Europália), *Meditação sobre Ruínas* (1995, Prémio da Associação Portuguesa de Escritores – APE; obra finalista do Prémio Europeu de Literatura, Aristeion), *Por Todos os Séculos* (1999, Prémio Bordalo da Casa da Imprensa), *Rimas e Contas* (2000, Prémio Review 2000 da Associação Internacional de Críticos Literários), *O Estado dos Campos* (2003, Prémio de Poesia Ana Hatherly), *Geometria variável* (2005, Grande Prémio de Literatura dst), e *A Convergência dos Ventos* (2015, Prémio Literário António Gedeão). É igualmente autor de cerca de uma vintena de obras de ficção e de vários textos dramáticos pelos quais foi igualmente distinguido com vários prémios. As suas obras encontram-se traduzidas em diversas línguas. Nuno Júdice assinou traduções de obras de Corneille e de Emily Dickinson. A vasta produção do autor em apreço inclui ainda antologias, edições de crítica literária, estudos sobre Teoria da Literatura e sobre Literatura Portuguesa. Nuno Júdice foi diretor da revista literária *Tabacaria* (1996-2009) e Comissário para a área da Literatura da representação portuguesa à 49.^a Feira do Livro de Frankfurt. Desempenhou igualmente as funções de Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Paris (1997-2004) e de diretor do Instituto Camões na mesma cidade. Organizou a Semana Europeia da Poesia, no âmbito da Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura. Além de manter uma colaboração regular na imprensa, tem atualmente a seu cargo a direção da revista *Colóquio-Letras*.